

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO MARANHÃO - UEMA
CENTRO DE ESTUDOS SUPERIORES DE CAXIAS - CESC
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS E FILOSOFIA
CURSO DE CIÊNCIAS SOCIAIS

SUZE MIRELE DA CRUZ NASCIMENTO

FAMILIA E ESCOLA: A CONSTRUÇÃO DO CAPITAL CULTURAL

Caxias - MA
2023

SUZE MIRELE DA CRUZ NASCIMENTO

FAMILIA E ESCOLA: A CONSTRUÇÃO DO CAPITAL CULTURAL

Monografia apresentada ao Curso de Ciências Sociais da Universidade Estadual do Maranhão para o grau de licenciatura em Ciências Sociais.

Orientador: Prof. Antônio Henrique Passos De Sousa Santos

Caxias – MA

2023

N244f Nascimento, Suze Mirele da Cruz

Família e escola: a construção do capital cultural / Suze Mirele da Cruz Nascimento. __Caxias: Campus Caxias, 2024.

46.

Monografia (Graduação) – Universidade Estadual do Maranhão – Campus Caxias, Curso de Licenciatura em Ciências Sociais.

Orientador: Prof. Antônio Henrique Passos de Sousa Santos.

· Capital cultural; 2. Desigualdades sociais; 3. Família; 4. Escola.
I. Título.

·
CDU 316.2

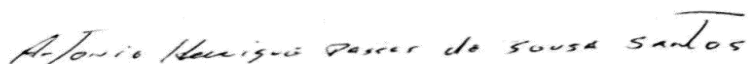
SUZE MIRELE DA CRUZ NASCIMENTO

FAMILIA E ESCOLA: A CONSTRUÇÃO DO CAPITAL CULTURAL

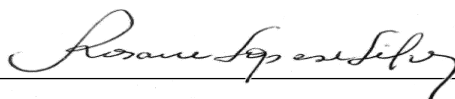
Monografia apresentada ao Curso de Ciências Sociais da Universidade Estadual do Maranhão para o grau de licenciatura em Ciências Sociais.

Trabalho aprovado e defendido em: 22/ 03 /2024

BANCA EXAMINADORA



Prof. Antônio Henrique Passos De Sousa Santos – Orientador
Universidade Estadual do Maranhão - UEMA



Profa.Dra. Rosane Lopes
Universidade Estadual do Maranhão - UEMA



Prof. Dr. Roldão Barbosa
Universidade Estadual do Maranhão – UEMA

Dedico este trabalho à minha família, especialmente aos meus avós que me sustentaram até aqui segurando a minha mão para enfrentar qualquer adversidade pelo caminho.

AGRADECIMENTOS

Meu avô sempre dizia que quem vem do pouco sempre quer muito, mas diante da realidade vivida poucos conseguem. Chegar até aqui não foi apenas mais uma conquista ou mais uma etapa concluída, foi o ponto crucial da minha caminhada onde percebi que era capaz e conseguia enfrentar qualquer obstáculo para alcançar os meus sonhos. Pois crescer em uma família grande sabendo que você é a única esperança de todos é algo assustador, o medo que se instala ou a ansiedade de não conseguir atender as expectativas.

De acordo com meu objeto de pesquisa baseado em Pierre Bourdieu a herança cultural é passada de geração familiar e aqueles que possuem essa acumulação estão um passo à frente daqueles que são desprovidos de tal acúmulo de capital. Eu sou mais uma criança que atende a essa estatística, violentada simbolicamente pelo sistema de ensino apenas por ter vindo de uma família sem renome e acumulações de capitais. Mas embora isso seja um fato não é algo totalmente imutável, está concluído mais esse ciclo é uma resposta para isso!

Portanto, com gratidão e muito amor, quero agradecer todos que estiveram ao meu lado nessa trajetória. Primeiramente a Deus, pois acredito que sem a fé de ter algo para acreditar não somos ninguém. Os meus familiares que sempre depositaram todas as suas energias boas em mim. Mas um agradecimento em especial aos meus avós, que são o real motivo de nunca ter desistido e sempre ter acreditado em mim mesmo, que eu realmente era capaz de me superar e ser além daquilo que eu estava destinada a ser.

Mas para além da família, sou eternamente grata ao meu orientador por todos os ensinamentos, puxões de orelha e muitos aconselhamentos. Sem o professor Henrique a conclusão desta pesquisa não seria possível, visto que, ele é a verdadeira razão pelo acontecimento da discussão dessa temática, pois com sua sabedoria aflorou não só em mim, mas em todos os que foram seus alunos o desejo de conhecimento!

Aos colegas e amigos que construí durante a minha graduação, gratidão por compartilharem das mesmas dores e alegrias. Ao CESC/UEMA, instituição que possibilitou o meu amadurecimento enquanto discente e contribuiu para minha formação profissional. Ao corpo docente e os colaboradores, especialmente do departamento de Ciências Sociais, curso este que tem um lugar especial em meu coração.

*“Aquilo que foi criado para se tornar
instrumento de democracia direta não deve ser
convertido em mecanismo de opressão
simbólica”*

Pierre Bourdieu

RESUMO

Esta pesquisa intitulada como "Família e Escola: A construção do capital cultural" aborda as implicações dessa construção cultural e suas formas de atribuições, além disso, busca-se também compreender a relação entre a família e a instituição escolar e ressaltar o seu papel no percurso do indivíduo, além disso, será questionado o papel que a escola deve desempenhar no auxílio do sucesso escolar, uma vez que ela atua como um agente gerador de desigualdades. Para isso, analisaremos diversas questões a partir da perspectiva sociológica de Pierre Bourdieu no que diz respeito às origens sociais e como elas podem influenciar a acumulação desse capital e, assim, gerar desigualdades sociais. Partindo do mesmo ponto, utilizaremos também os conceitos fundamentais abordados pelo autor para entender a importância de tal discussão. Visto que, para se trabalhar o conceito de capital cultural, se faz necessário entender sobre a teoria da prática de Bourdieu, onde por meio desta, pode-se também conceituar a teoria do habitus e a teoria do campo, sendo ambas, de extrema importância para a formação científica do conhecimento do autor. Portanto, somente após conceituar essas teorias, será possível entender como ocorre o acúmulo de capital cultural e sua transmissão através do ambiente familiar, tendo em vista que o campo e o habitus do sujeito influenciarão no resultado. Vale ressaltar que descreveremos as formas de capital utilizadas por ele, destacando o objeto de nossa pesquisa, que é o capital cultural. Apesar de ser um dispositivo intelectual que tem grande influência na aprendizagem dos alunos, se utilizado de forma incorreta pode levar a uma disputa puramente simbólica, o que geraria uma violência simbólica. Ao longo do trabalho, as ligações recorrentes entre as teorias do autor serão expostas a todo o momento, permitindo-nos encontrar as respostas necessárias aos objetivos desta investigação.

Palavras-Chave: Capital cultural, desigualdades sociais, família, escola.

ABSTRACT

This research entitled how "Family and School: The construction of cultural capital" addresses the implications of this cultural construction and its forms of attributions, In addition, It also seeks to understand the relationship between the family and the school institution and stress its role in the individual's journey, In addition, will be questioned the role that the school should play in helping school success, since she acts like an agent that generates inequalities. To do this, we will analyze diverse issues from Pierre Bourdieu's sociological perspective regarding social origins and how they can influence the accumulation of this capital and thus generate social inequalities. Starting from the same point, we will also use the fundamental concepts addressed by the author to understand the importance of such a discussion. Seen, in order to work on the concept of cultural capital, if it is done necessary to understand about Bourdieu's theory of practice, where by means of this, can also conceptualize the theory of habitus and the theory of the field, both of which, are extremely important for the scientific formation of the author's knowledge. Therefore, only after conceptualizing these theories, will it be possible to understand how the accumulation of cultural capital and its transmission through the family environment occurs, bearing in mind that the field and the subject's habitus will influence the result. It is worth noting that we will describe the forms of capital he uses, highlighting the object of our research, which is cultural capital. Although it is an intellectual device that has a great influence on student learning, if used incorrectly it can lead to a purely symbolic dispute, which would generate symbolic violence. Throughout the work, the recurring links between the author's theories will be exposed at all times, allowing us to find the answers necessary to the objectives of this research.

Key Words: Cultural capital, social inequalities, family, school.

SUMÁRIO

1	INÍCIO DE UM DIÁLOGO: A CONSTRUÇÃO DO CAPITAL	
	CUTURAL	10
2	CONTEXTUALIZAÇÃO: A TEORIA DA PRÁTICA	18
2.1	Habitus em seu conceito enigmático	21
2.2	A ideia de “campo”	25
3	BUSCA TEÓRICA: UM OLHAR SOBRE A CULTURA LEGÍTIMA.....	29
3.1	A noção de capital é útil para se pensar a educação?	32
3.2	A importância do simbólico	35
3.3	Família, escola e a transmissão do patrimônio	39
4	CONSIDERAÇÕES FINAIS	44
5	REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	45

1 INÍCIO DE UM DIÁLOGO: A CONSTRUÇÃO DO CAPITAL CULTURAL

De acordo com Bourdieu (1998), o capital econômico não era o único tipo de capital que os indivíduos mobilizavam para obter privilégios e, conseqüentemente, uma distinção social. Ele sustentava a ideia de que a cultura é um bem simbólico que, quanto mais se tem, maior é as suas condições de acumulação. Dessa forma, a acumulação, seja econômica ou cultural, permite que o indivíduo alcance uma posição privilegiada na sociedade, devido à sua herança cultural e econômica, se sobressaindo sobre o indivíduo que não tem nenhuma das acumulações de capital. Na educação, também ocorre uma disputa por espaços, na qual o indivíduo com uma maior acumulação de capital cultural tende a se sobressair em relação àquele que não possui nenhuma acumulação.

Em “Escritos de Educação (1998)”, Bourdieu incentivou uma pesquisa na França a partir dos anos 60 visando encontrar respostas para a questão das diferenças presentes no ambiente escolar naquele período. O resultado de sua busca foi um marco para a história, não apenas para a sociologia da educação, mas também para a transformação do pensamento e da prática educacional em todo o mundo. Dessa forma, surgiram novas teorias sobre o formato da educação e como ela é transmitida, o que nos permite analisar o papel que a família e a escola desempenham em conjunto no desenvolvimento cognitivo da criança. Segundo a pesquisa realizada na França, a escola, considerada por muito tempo um fator de mobilidade social, influenciada pela ideologia de uma “escola tradicional/dominante”, tem desempenhado outro papel, pois se mostrou um dos sistemas mais eficientes de conservação social, legitimando as diferenças sociais e favorecendo a herança cultural. Em sua pesquisa, o sociólogo destaca a existência de uma barreira na escola que estabelece uma diferenciação social entre os estudantes, resultando em uma violência simbólica que se baseia no reconhecimento de uma imposição específica, resultando em prejuízos morais e psicológicos.

Para compreendermos sobre o que se trata o termo “capital cultural” e a sua vinculação com a educação devemos destacar a sua origem e a sua trajetória, este termo foi desenvolvido pelo sociólogo e intelectual francês Pierre Bourdieu durante seus estudos com Jean-Claude Passeron sobre a reprodução social, na França nos anos de 1960–1970, os dois pensadores revolucionaram a sociologia da época com elementos para uma teoria do sistema de ensino, e assim pode ser observado e desenvolvido outros termos usados para a conclusão dessa pesquisa, como o (Habitus) que se destaca como sendo o sistema que engloba todas as características dos indivíduos, o (Campos) espaço onde ocorre todas as interações, constituem

e processam esses aspectos, e por fim temos o (Capital) que seria a posse de bens materiais ou não, que podem ser culturais, econômicos e sociais. Esses termos foram usados como uma ferramenta analítica para compreender a distribuição de oportunidades educacionais entre as diferentes classes sociais, o que se tornou algo revolucionário para a educação francesa. Segundo sua pesquisa realizada sobre o ensino na França, Bourdieu acreditava que a herança cultural herdada pela família pode se sobressair com mais força em relação às posses econômicas e que de fato isso pode contribuir no êxito escolar da criança, e assim o sociólogo achou a resposta para as desigualdades existentes no âmbito educacional.

Desde então, o conceito se tornou um marco histórico para a sociologia da educação, que atuaria como um princípio para explicar o desenvolvimento cognitivo da criança conforme o contexto social no qual está inserida. É importante enfatizar que a instituição/escola deveria procurar meios para estabelecer uma equidade entre os alunos para que não fosse provocado desigualdades e não houvesse uma exclusão daqueles que não possuem uma acumulação de cultura, e para não haver favorecimento em decorrência daqueles que apresentam uma classe social elevada. Ao analisar a pesquisa do autor e os seus estudos sobre o ensino da sociedade francesa facilita a percepção de como ocorre essa divisão social na sala de aula, na qual faz a separação dos estudantes em dois grupos. Aqueles que tinham uma bagagem cultural bastante diversificada, como museus, teatros, músicas clássicas, balé... o que contribui de forma mais intensa para a formação do que chamamos de capital cultural. Dessa forma, todas as informações adquiridas se transformam em conhecimento e facilitam a sua forma de aprendizado, diferenciando-se daqueles que não têm o mesmo acesso a esses espaços apenas para a classe elitizada. Baseado nos estudos de Bourdieu sobre o ensino na sociedade francesa e como o capital cultural influenciava o desempenho escolar, o êxito acadêmico da criança será voltado para o produto simbólico cultural, ou seja, a acumulação de cultura do meio familiar. Com isso, há uma hierarquização do ensino, já que a instituição de ensino estabelece uma diferenciação social entre os estudantes, criando uma barreira entre aqueles que possuem cultura e aqueles que são desprovidos, exercendo violência simbólica sobre essa classe social. O sistema escolar é inicialmente colocado como fator de mobilidade social o que se torna algo totalmente contraditório, visto que, esse sistema atua como tradicional/dominante agindo em decorrência da classe superior elitizada, além disso, tudo tende a mostrar que esse sistema escolar é um dos mais eficazes meios de conservação social, pois acaba legitimando as desigualdades sociais, e assim favorecendo a herança cultural.

Dessa forma, isso corrobora as ideias anteriores apresentadas por Bourdieu a respeito da acumulação de capital, evidenciando, dessa forma, a desigualdade entre os indivíduos, que estão inseridos no ambiente acadêmico. A acumulação de capital no ambiente acadêmico resulta na influência de uma violência simbólica, uma forma de coação que se baseia no reconhecimento de uma imposição determinada, causando danos morais e psicológicos, mas os indivíduos envolvidos não têm consciência de que estão sofrendo ou exercendo essa violência.

Vale salientar que a escola sempre foi vista com otimismo como uma instituição que daria oportunidades iguais para todos, independentemente da classe social. Apesar disso, esse órgão não funciona bem dessa forma, pois, após os estudos de Pierre Bourdieu sobre a acumulação de capital cultural e a sua forma de transmissão, ficou claro que a instituição/escola se mostrou um gerador de desigualdades. Dessa forma, para esclarecer o que o autor tem defendido intensamente, podemos destacar um trecho de sua obra traduzida “Escritos de Educação” para demonstrar o que já foi dito anteriormente.

Para que sejam favorecidos os mais favorecidos e desfavorecidos os mais desfavorecidos, é necessário e suficiente que a escola ignore, no âmbito dos conteúdos do ensino que transmite, dos métodos e técnicas de transmissão e dos critérios de avaliação, as desigualdades culturais entre as crianças das diferentes classes sociais. (BOURDIEU, 1998, p. 53).

Na obra designada “escritos de educação” podemos encontrar uma descrição detalhada sobre os conceitos abordados pelo autor Pierre Bourdieu, conceitos esses que tiveram e tem forte influência, tanto para a educação francesa da época como para a educação no cenário atual, visto que, o capital cultural exerce grande influência no desenvolvimento intelectual do indivíduo e assim influencia também no direcionamento escolar implicando diretamente no êxito acadêmico em função do nível de acumulação cultural nos quais a família apresenta. Para chegar a essas conclusões, Bourdieu realizou uma pesquisa sobre o ensino na sociedade francesa, onde levantou diversas questões em uma turma de 5º ano, constatando que uma parcela de “bons alunos” cresce em função da renda de suas famílias, o que só corrobora ainda mais que a relação do indivíduo com uma herança cultural advinda de uma geração familiar pode ser considerada um fator crucial para seu desenvolvimento, tanto acadêmico quanto social. Podemos enfatizar brevemente como o desempenho escolar está diretamente ligado ao nível cultural que os pais possuem, uma vez que há uma diferenciação no acesso a determinados

conhecimentos e espaços que ficam restritos aos indivíduos de classe social elevada, pois a sua posição social ou a sua acumulação cultural têm uma grande influência.

Embora a pesquisa fora desenvolvida na França há muitas décadas, e conforme a globalização de tecnologias e a sociedade em constante evolução, a educação também sofreu mudanças, o conhecimento científico evoluiu assim como as práticas educacionais, mas isso não quer dizer que ainda não haja desigualdades sociais, embora a sociedade esteja evoluindo e buscando novas formas de saberes a distinção social ainda é um fator presente, as barreiras que o autor destaca que existem na sala de aula, a mesma que ocasiona uma distinção social, ainda são perceptíveis na atualidade, podemos utilizar as análises sobre o ensino na França efetuadas por Bourdieu e fazer uma observação com um olhar sociológico para a nossa própria realidade, analisar as práticas educacionais do ensino na França e relacionar com a educação na atual sociedade.

Para uma compreensão mais adequada do capital cultural na perspectiva do sociólogo Bourdieu, é necessário ter conhecimento sobre o significado de cultura, seu significado e suas múltiplas facetas, uma vez que a cultura não tem um significado único e cada indivíduo tem suas particularidades culturais, resultando em uma grande variedade de culturas que estão presentes na vida de todos em nossa sociedade. Bourdieu (1998) sustentava que a cultura é o resultado significativo de um conjunto de práticas adquiridas através da socialização compartilhada por grupos sociais em determinados campos. Dessa forma, o indivíduo adquire cultura através das relações estabelecidas com outros indivíduos, seja no convívio social, familiar, acadêmico, social e em qualquer ambiente social. Contudo, é importante frisar que a cultura legitimada pela instituição/escola não é adquirida em qualquer lugar. Neste caso, estamos falando da cultura erudita, que se constrói mediante visitas frequentes a concertos, museus, biblioteca, espaços com músicas clássicas e ao teatro. Não quer dizer que a classe média não possua cultura, pois a cultura é parte integrante da vida de todos. No entanto, o escritor explica que apenas um tipo de cultura é considerado legítimo e verdadeiro, assim como desde o início da história, a cultura erudita exerce grande influência na sociedade, assim como a cultura ocidental, a cultura branca e a cultura da elite.

Considerando a relação de poder estabelecida pela instituição escolar com a legitimação da cultura erudita como única e criando diferenciação entre aqueles que não possuem essa acumulação, sem considerar a diversidade cultural, é importante destacar o termo violência simbólica proposto por Bourdieu. Sua pesquisa realizada na França revela que a escola não oferece o mesmo tratamento para todos os alunos, apesar de todos terem participado das

mesmas aulas. Os conteúdos avaliativos tenderão a favorecer a camada da elite, uma vez que esses alunos já possuem uma bagagem cultural adquirida pelo seu meio social ou familiar, o que os auxiliará na compreensão de determinados conteúdos. Dessa forma, a classe média estaria em grande desvantagem por não conseguir acompanhar a linha de raciocínio apresentada pelos conteúdos, o que resultaria na violência simbólica, uma vez que a escola valoriza apenas uma cultura, sem considerar a diversidade cultural dos outros.

Para prosseguirmos com a pesquisa, devemos compreender alguns conceitos já mencionados anteriormente, fundamentais para destacar fatores relevantes que influenciam as desigualdades existentes no campo social, cultural e econômico. A teoria do pensamento bourdieusiano consiste na tríade formada por habitus, campo e capital. De acordo com Bourdieu, o habitus é uma estrutura que está apta a funcionar como “estruturas estruturantes”, devido ao nosso passado e presente. A criação familiar e as experiências educacionais são consideradas uma estrutura por serem algo que segue um padrão. Essa estrutura é composta por métodos que geram práticas, apreciações e percepções. E não podemos falar de habitus sem citar o campo, pois um não existe sem o outro. O sociólogo destaca o campo como espaços estruturados onde ocorrem as relações de poder, criando uma distribuição desigual que determina as posições que cada agente ocupa em seu meio. Portanto, a junção dessas duas definições nos remete ao que seria o capital, seja ele econômico, social, simbólico ou cultural, e, portanto, pois como já foi citado, um não existe sem o outro. Assim, chegamos ao ponto crucial que é a herança cultural, sendo uma herança transmitida de geração em geração, um bem imaterial que pode determinar sua posição social, distinguindo-o dos demais indivíduos.

Após compreendermos como funcionam os três conceitos fundamentais de Bourdieu, prosseguiremos com o objetivo da pesquisa, compreender como ocorre a construção do capital cultural, como a herança cultural familiar pode influenciar o êxito escolar da criança e, por fim, compreender e analisar como ocorre a diferenciação social na sala de aula, com base na pesquisa do autor sobre o ensino na França. Esses são tópicos de extrema relevância, mas que não têm a atenção e visibilidade merecidos, uma vez que são conceitos que poderiam contribuir para a melhoria da educação, dependendo da forma como são usados e trabalhados.

É importante salientar que todos os dados utilizados anteriormente e ao longo do trabalho estão fundamentados nas pesquisas realizadas por Pierre Bourdieu na sociedade francesa. Dessa forma, a escolha do tema deste trabalho decorreu de uma pesquisa realizada pelo autor, na qual, enquanto estudante do curso de ciências sociais e pesquisadora deste trabalho, elaborei uma apresentação de seminário realizado no sexto período da disciplina de

“fundamentos sociológicos”, em que discutimos os conceitos fundamentais de Bourdieu. O autor apresenta um conjunto complexo de conceitos que trazem grandes contribuições para as ciências sociais e para a educação.

O francês Pierre Bourdieu foi um dos intelectuais mais influentes da sua época, considerado por muitos um dos mais importantes dos sociólogos contemporâneos, deixando grandes contribuições para o campo social e para a educação. Bourdieu nasceu no ano de 1930 em 01 de agosto, em Déguin (Altos Pirineus-sudoeste da França), e chegou a falecer aos 72 anos, após ser vítima de câncer, em janeiro de 2002, em Paris. Embora sua família seja de origem popular e campesina, o autor se destacou por sua notável trajetória acadêmica, onde frequentou as melhores instituições de ensino na França, onde se licenciou em filosofia na *École Normale Supérieure*, entre os anos de 1951 e 1954. Bourdieu, assim como muitos de seus companheiros, tornou-se um autodidata na sociologia e na Antropologia tanto que foi até nomeado diretor de estudos na *École Pratique des Hautes Études*, o que ocasionou a publicação de suas primeiras pesquisas sobre os operários argelinos, o sistema de ensino francês e as práticas culturais.

Desde o primeiro contato com o autor e a suas implicações sobre o capital cultural despertei a necessidade em saber cada vez mais sobre o assunto, pois entendia sobre a importância de falar, estudar e compreender essa pauta, considerando que isso poderia intervir na nossa realidade e como poderia se tornar um instrumento para o desenvolvimento escolar do aluno. O principal ponto que me impulsionou a desenvolver esse trabalho e elaborar formas simplificadas de explicações acerca dessa temática, parte das dificuldades de entendimento sobre o autor e sua teoria vivenciadas no decorrer da minha vida acadêmica. Além disso, a realização e conclusão deste trabalho parte de um sonho pessoal, a determinação e perseverança para conquistar uma formação acadêmica, vem em parte da necessidade de conseguir ultrapassar barreiras mesmo sendo de família pobre, pois quando se pertence à camada popular mais baixa este sonho se torna um pouco distante diante da realidade vivida.

Tenho o desejo de esclarecer os mecanismos utilizados pela escola para a reprodução de desigualdades, além de despertar o interesse de outros alunos sobre este autor e sua revolucionária pesquisa no campo educacional. A acumulação de capital cultural pode ser uma ferramenta importante para o desenvolvimento cognitivo das crianças, ou um problema, uma vez que aqueles que possuem uma acumulação cultural são mais favorecidos devido aos seus meios socioeconômicos e culturais. Já aqueles que estão na camada mais baixa da sociedade e não possuem nenhum tipo de acumulação têm uma dificuldade maior para aprender

determinados assuntos, resultando na violência simbólica, uma vez que aqueles que não possuem essa acumulação, sofrem uma distinção social, sendo até mesmo excluídos do ambiente escolar.

Dado que o termo foi criado por Pierre Bourdieu, é importante salientar que suas obras são os principais instrumentos para a realização desta pesquisa, mesmo sob a perspectiva de outros autores. Bourdieu deixou várias obras que contribuíram e contribuem até hoje para o entendimento sociológico de fatores que abordam os aspectos da sociedade, assim como grandes aprendizados para a evolução da prática educativa. Para a realização metodológica deste trabalho, será necessário obter dados sobre o tema por meio de uma revisão bibliográfica, um aprofundamento teórico e coletas de dados através das práticas científicas do autor sociólogo francês Pierre Bourdieu, dando destaque a alguns de seus conceitos, especialmente a construção do capital cultural, para podermos compreender como este termo pode ser útil para a prática educativa, se usado de uma forma inclusiva, uma vez que, numa sala de aula, há uma grande diversidade cultural e social. É importante salientar que o principal meio de pesquisa para encontrar respostas para este trabalho são as obras do autor Pierre Bourdieu, destacando algumas que serviram de base para essa pesquisa, como *Escritos de Educação* (1998), *A distinção: crítica social do julgamento* (1979), o livro “Pierre Bourdieu: conceitos fundamentais” (), *A Reprodução: elementos para uma teoria do ensino* (1970) e o texto “Reprodução: elementos para uma teoria do ensino?” de Ana Maria F. Almeida (2007). Além disso, serão usados alguns artigos como textos de apoio para ampliar a compreensão sobre o tema.

É de suma importância relatar que o principal objetivo dessa pesquisa consiste em esclarecer como a noção de capital cultural pode ser útil para se pensar a educação e o papel que a família desempenha nessa trajetória. O que abre espaço para outras perguntas e caminhos que devemos seguir para a realização deste trabalho, uma vez que é necessário discorrer sobre os conceitos fundamentais abordados pelo autor e, assim, descrever como se constrói o capital cultural e como se transmite esse patrimônio. Além disso, podemos analisar como a acumulação de capital pode auxiliar no desenvolvimento cognitivo da criança e na prática educativa, tendo em vista a diversidade cultural e social presente em uma sala de aula.

A pesquisa em questão está estruturada da seguinte maneira: introdução, contexto, referencial teórico e conclusões. Assim, os próximos capítulos visam esclarecer as questões abordadas neste estudo. O propósito da pesquisa é demonstrar que a noção de capital cultural pode ser empregada para uma análise mais aprofundada das disparidades no ambiente escolar,

e se essas disparidades podem ou não influenciar outros fatores, como a violência simbólica. A noção de capital cultural formulada por Pierre Bourdieu está diretamente ligada à questão da dominação de uma classe sobre a outra, o que explica grande parte das desigualdades que surgiram no ambiente escolar devido à acumulação de capital. Mas, é importante frisar que o conceito de capital usado pelo sociólogo não está restrito a explicar o motivo pelo qual crianças, que estão inseridas em ambientes sociais desfavorecidos, apresentam um “melhor desempenho” escolar. No entanto, este conceito pode ser usado para explicar de que forma o “melhor desempenho” escolar desses grupos pode servir à estrutura de dominação presente na sociedade. Para entender como isso acontece, precisamos entender o que é simbólico e como o patrimônio é transmitido, como explica Pierre Bourdieu.

2 CONTEXTUALIZAÇÃO: A TEORIA DA PRÁTICA

Pierre Bourdieu apresenta uma vasta e volumosa pesquisa. Começando com etnografia do Béarn e da Argélia, que logo em seguida o levou para os extensos estudos sobre a educação, cultura, arte e linguagem. Na maior parte do tempo o autor foi considerado um dos mais importantes sociólogos apresentando grande influência na educação, tudo isso devido as suas experiencias vivenciadas na prática de campo.

Segundo o autor o mundo social pode ser reconhecido como objeto de três modos de conhecimento teórico, que acabam resultando em conjuntos de teses antropológicas diferentes que apresentam entre si apenas um único fator em comum que seria a forma de se oporem ao conhecimento prático. Em primeiro temos o que o autor destaca como conhecimento fenomenológico conceituado como "interacionista" ou "etnometodológico", esse por sinal está relacionado com a primeira experiencia do indivíduo com o mundo social, isto é, sua relação de familiaridade no meio familiar a qual pertence, o seu primeiro contato com o mundo exterior que se aproxima do real fazendo com que haja uma apropriação do mundo social como mundo natural.

Logo em seguida podemos enfatizar o conhecimento designado como objetivista, esse se trata de uma hermenêutica estruturalista que seria o encarregado de uma profunda análise de interpretação da realidade social que se baseia em uma construção de modelos usados para explicar como ocorrem as relações a partir das estruturas. Esse conhecimento é o responsável por construir as relações objetivas, isto é, econômicas ou linguísticas, que iram estruturar as práticas e as representações das práticas. Portanto, ocorrerá uma certa ruptura do primeiro conhecimento tácito e prático, pois o indivíduo sairá do seu meio familiar em condições particulares tornando possível a experiencia do conhecimento objetivista com o intuito de estabelecer estruturas objetivas do mundo social e uma verdade objetiva de sua primeira experiência enquanto privada do conhecimento explícito dessas estruturas.

Por fim temos o conhecimento que o autor denomina de praxiológico, que está relacionado diretamente com a conduta humana com o objetivo de compreender as causas e as consequências das ações do indivíduo, que tem como objeto não somente o sistema das relações objetivas na qual são construídas pelo conhecimento subjetivista, mas também relações dialéticas entre essas estruturas e as disposições estruturadas na qual estão sempre em constante atualização o que tende sempre as reproduzir, ou seja, duplo processo de interiorização da exterioridade e de exteriorização da interioridade, processo este que está exatamente interligado com o que denominamos de habitus.

Esse conhecimento irá romper-se com o modo de conhecimento subjetivista, quer dizer que ocorrerá um questionamento a respeito do campo na qual está inserido das suas condições de possibilidades, partindo do ponto de vista objetivante que busca assimilar as práticas do mundo exterior para construir seu próprio princípio gerador situando-se no próprio movimento de sua efetivação. Portanto, é somente através dessa segunda ruptura que será possível a compreensão dos limites do conhecimento subjetivista, um momento irremediável no campo científico afim de iluminar a teoria da teoria e a teoria da prática inscrita em seu verdadeiro estado prático.

Bourdieu apoia-se em Bachelard para discutir a respeito do modo como a teoria deve ser utilizada para recuperar a prática dos agentes sobre os quais ele enfatiza, e somente ao fazê-lo, se torna ela própria uma atividade social prática e engajada, uma prática ou um ofício de sociólogos onde se tornariam praticantes dentro de uma sociedade plural em conjunto com outros praticantes iguais. O autor continua se referindo ao subjetivismo e ao objetivismo como “modos de conhecimento” e destaca que será necessário ir muito além do seu antagonismo mútuo, mas também não esquecer de preservar o que foi ganho com cada um deles, pois ambos são essenciais. Embora só ofereçam apenas um lado de uma epistemologia que seria necessária para a compreensão do mundo social, já que o mundo não pode ser reproduzido de uma maneira fenomenológica e nem a uma maneira da física social, ambas as partes precisam ser empregadas para que possam construir uma “teoria da prática” em sua autenticidade.

Vale ressaltar que essa teoria da prática colocada pelo autor pode ser traçada em uma linha intelectual com o contexto contemporâneo da época na qual ele se encontrava, assim como pode também ser ligada as suas experiência iniciais de trabalho em campo. Já que o período na qual Bourdieu se encontrava estava caracterizado por duas correntes opostas, “o estruturalismo e o existencialismo”, que por conseguinte podem ser relacionados representativamente com as tradições objetivista e subjetivista. A primeira surgiu da antropologia e era bastante ilustrado na obra de Claude Lévi-Strauss, onde a sua preocupação era o funcionamento de culturas diversas e até mesmo exóticas. Por sua vez, a tradição subjetivista estava mais relacionada com a filosofia, fundamentada nas ideologias de Kierkegaard, Husserl e Heidegger, onde sua principal preocupação era com as questões de libertação pessoal.

Mas nenhuma dessas tradições explicava o que Bourdieu havia observado em suas pesquisas de campo, ele precisava de uma abordagem teórica para que pudesse explicar essa atividade híbrida da prática pessoal que fora moldada socialmente, embora constituída

individualmente, que só então formaria as tendências comuns. Portanto, o autor desenvolveu sua “teoria da prática” por meio dessa necessidade compreender os dados que surgiam durante suas investigações empíricas em campo, primeiro na Argélia e no Béarn, logo em seguida em seus estudos sobre a educação e cultura por volta da década de 1960.

Essa teoria da prática deveria esclarecer o que ele vislumbrava como uma “cumplicidade ontológica” entre as estruturas objetivas e as internalizadas. Por isso a base da sua ciência é esse simples fato de uma coincidência entre as duas: a conexão existente de um indivíduo com o mundo material e o mundo social. Tudo está interligado com essa conexão, pois aqui estão as estruturas do sentido, sentimento e pensamento primário, as ligações intencionais que são estabelecidas entre os indivíduos e os fenômenos, tanto ideacionais quanto materiais, com os quais eles entram em contato.

Esses pilares objetivistas e subjetivistas da teoria da prática de Bourdieu podem ser também expostos por meio da sua interpretação de cultura. Pois segundo ele existem duas tradições no estudo da cultura: a estrutural e a funcionalista (BOURDIEU, 1968). A primeira enxerga a cultura como o meio de comunicação e conhecimento baseado num consenso compartilhado do mundo, um exemplo disso seria a antropologia de Lévi-Strauss. Já a funcionalista tende a se formar ao redor do conhecimento humano como um produto pertencente a uma infraestrutura social. E um exemplo para essa seria a sociologia de Durkheim e a de Marx, pois ambos têm a preocupação com as formas ideacionais emergentes nas estruturas da sociedade.

Bourdieu critica ambas as tradições, para ele a primeira é estática demais, ou seja, estruturas estruturadas, que são tomadas como formas assíncronas que muitas vezes são baseadas em sociedades primitivas. Enquanto isso a segunda alinha-se a um tipo de ideologia, estruturas estruturadas, impondo uma ideologia de classe dominante na tradição crítica, ou ao manter o controle social na positivista. O autor tenta conciliar as duas linhas de pensamento ao tomar o que foi compreendido com a análise das estruturas como sistemas simbólicos para que fosse possível descobrir a dinâmica dos princípios, ou a lógica da prática, o que dá a eles um poder estruturante (cf. BOURDIEU, 1971), em suma, uma teoria da estrutura tanto como estruturada (opus operatum, e, portanto, aberta a objetificação) e estruturantes (modus operandi, e, portanto, geradora de pensamentos e ação).

Logo, a teoria da prática de Pierre Bourdieu é essencialmente relacional e singular para o entendimento do mundo social assim como outros conceitos abordados pelo autor, como o habitus elemento subjetivo da prática, conceito esse que significa “esquemas geradores” pois

ele próprio é estruturado e estruturante, adquirido de forma individual na trajetória de vida. E o campo que ele designa como uma rede ou configurações objetivas de relações, que também são estruturadas e estruturantes, podendo ser encontrados em qualquer espaço social ou num contexto em particular. Independentemente, eles representam respectivamente os aspectos subjetivo e objetivo dos fenômenos sociais. Embora, ambos os conceitos devem ser considerados inseparáveis, constituídos mutuamente e sempre se interpenetrando para produzir a relação de cumplicidade ontologia na qual já foi expressa aqui segundo Bourdieu.

2.1 Habitus em seu conceito enigmático

Embora o conceito de habitus fosse bastante trabalhado por Bourdieu e provavelmente o mais citado, ainda sim é um conceito pouco compreendido e enigmático. Mas vale ressaltar que para Pierre Bourdieu e sua abordagem sociológica distinta o habitus é fundamental, tanto para a sua “teoria da prática” quanto para a “teoria do campo”. E assim esses três conceitos trabalhados pelo autor são a chave de sua originalidade e grande contribuição para a ciência social.

É difícil estabelecer apenas uma única definição para este conceito, visto que, o habitus em sua personalidade bourdieusiana já fora utilizado em uma variedade de pesquisas, práticas e contextos impressionantes, além disso está se tornando parte do vocabulário de um conjunto de disciplinas, incluindo sociologia, antropologia, estudos culturais etc. Mas apesar de sua popularidade em suma este conceito não está nada claro, já que o autor lhe atribui diversas significações. Portanto neste capítulo iremos explorar as diversas facetas desse conceito seguindo sempre as orientações e teorias do filósofo francês Pierre Bourdieu.

De modo geral o habitus tem a intenção de sobrepujar uma série de dicotomias que estão profundamente enraizadas e que contornam as formas de pensar o mundo social. Isso já seria o suficiente para definir tal conceito, o que nos daria uma definição completa e uma rica discussão que abordaria uma série ampla de questões e debates profundamente significativos. No entanto, este conceito também tem a intenção de regalar um modo para explorar o funcionamento do mundo social através de investigações empíricas. Portanto, ele não seria central apenas para o ponto de vista do autor, mas também para o seu conjunto de estudos substantivos.

Segundo o autor o conceito de habitus se inicia por meio de um enigma tanto um quanto experimental como também sociológico. No cenário da experiencia, muitas vezes nos sentimos

como agentes livres, mas utilizamos como base decisões cotidianas fundadas em pressuposições sobre o caráter, comportamento e atitudes previsíveis de outros indivíduos. E sociologicamente falando, as práticas sociais se caracterizam através de regularidades. Por exemplo, filhos de classe operária tendem a seguir carreira de classe operária. E leitores de classe média tem uma tendência de apreciar literaturas de nível intelectual do seu meio e assim por diante. Embora não existam regras que ditem tais práticas do convívio social. Tudo isso sugere uma gama de questões na qual o habitus poderia solucionar. Assim como diz Bourdieu, “toda minha reflexão partiu daí: Como as condutas podem ser regradas sem ser produto da obediência a regra?” (BOURDIEU, 1990, p.83). Em outros termos, Bourdieu se questiona como a estrutura social e a ação individual podem ser harmonizadas, e (em outras palavras segundo Durkheim) como o social “externo” e o eu “interno” ajudam a delinear um ao outro.

Abordar e compreender de forma sucinta a maneira que o habitus explora essas questões requer um conhecimento inteiramente científico em um terreno bastante teórico. De uma maneira formal, o autor Pierre Bourdieu define habitus como uma propriedade de atores, sendo eles (indivíduos, grupos ou instituições) que são compostos por “estruturas estruturantes [...] e estruturada” (BOURDIEU, 2007, p.164). Ou seja, ela é “estruturada” pelas vivências do nosso passado e circunstâncias da atualidade, como por exemplo a criação na família e as experiências advindas da prática educacional. E ela é “estruturante” quando o habitus ajuda a moldar nossas práticas atuais e futuras. E ela é uma “estrutura” por ser organizada sistematicamente, e não de maneira aleatória ou sem seguir um padrão. Portanto, essa “estrutura” é composta por um sistema de disposições que geram percepções, apreciações e práticas (BOURDIEU, 1980). Esse conceito do termo “disposição” para o autor se torna um ponto crucial para essas ideias de estruturas e tendências:

[disposição] exprime, em primeiro lugar, o resultado de uma ação organizadora, apresentando então um sentido muito próximo ao de palavras tais como estruturas; designa, por outro lado, uma maneira de ser, um estado habitual (em particular do corpo) e, em particular, uma predisposição, uma tendência, uma propensão ou uma inclinação (BOURDIEU, 1983b: 61n20)

De acordo com Bourdieu, essas disposições ou tendências tornam-se duráveis pois perduram ao longo do tempo e podem ser deslocadas, por terem a capacidade de se tornar ativas numa grande variedade de teatro de ação social. Por isso o habitus é estruturado, pelas

condições materiais da existência, o que acaba também gerando práticas, crenças, percepções, sentimentos etc., de acordo com a sua própria estrutura. Contudo, o habitus não atua sozinho. Bourdieu não está propondo que somos autônomos, premeditados, que agem de acordo as pressuposições da nossa formação. Ao invés disso, as práticas são o resultado do que ele denomina de “uma dupla relação obscura” ou uma “relação inconsciente”. De forma simplificada e científica, Bourdieu resume essa relação em uma única equação:

$$[(\text{habitus})(\text{capital})] + \text{campo} = \text{prática}$$

Podemos destacar essa equação da seguinte forma seguindo as orientações do autor: a nossa prática é o resultado das relações existentes entre nossas disposições (habitus) e nossa posição em um campo (capital), dentro do estado atual do jogo nessa arena social (campo). Essa formulação sucinta ressalta uma coisa importante e crucial para a abordagem teórica do francês Pierre Bourdieu: a natureza entrelaçada de suas três principais “ferramentas de pensar” (citado em BOURDIEU & WACQUANT, 1989, p.50): *habitus, campos e capital*. Desse modo, as práticas não são meramente resultado de nossos habitus, mas sim das relações entre nosso habitus e nossas circunstâncias atuais. Em outras palavras, nós não podemos compreender as práticas dos indivíduos em termos apenas de seu habitus. Pois o habitus representa apenas uma parte da equação; a natureza dos campos onde ele se mantém ativo é igualmente crucial.

O sociólogo descreve essa relação entre o habitus e o campo como o encontro de duas congruências ou histórias em evolução. Quer dizer que, os espaços sociais nos quais ocupamos são estruturados (como o habitus) e é exatamente essa relação entre essas duas estruturas ou conjuntos de princípios organizadores que gera essa prática. Essa “relação obscura” se torna ainda mais complicada por ser de “cumplicidade ontológica”, porque o campo, faz parte dos contextos contínuos em que vivemos, estrutura o habitus, enquanto ao mesmo tempo o habitus se torna a base da compreensão que os indivíduos têm de suas vidas, incluindo o campo:

A relação entre o habitus e o campo é primeiramente uma relação de condicionamento: campo estrutura o habitus[...]. Mas ela é também uma relação de conhecimento ou de construção cognitiva: o habitus contribui a constituição do campo como mundo configurativo (BOURDIEU & WACQUANT, 1992, p. 102-103).

De maneira simplificada, o habitus evidencia nossos modos de agir, pensar, sentir e ser. Ele capta a maneira como carregamos nossas histórias para dentro de nós, como trazemos essas

histórias para as atuais circunstâncias no contexto em que estamos e assim, então como fazemos nossas escolhas de poder agir de certos modos e de outros não. Isso é um resultado de um processo contínuo e ativo, nos envolvemos em um processo permanente de fazer história, mas não sob condições que criamos completamente. A posição que ocupamos na vida é o resultado de inúmeros acontecimentos eventuais do passado que moldaram o nosso caminho. O que significa que a qualquer momento estamos diante de várias separações possíveis nessa caminhada, ou de escolhas de atos e doutrinas. Esse conglomerado de escolhas irá depender muito do cenário na qual estamos inseridos atualmente (a posição que ocupamos no campo social em particular), mas ao mesmo tempo as escolhas que são visíveis para nós e as que não enxergamos são resultado de nossa trilha do passado, pois a partir de nossas experiências podemos moldar nossa visão. Assim, as que escolhemos para nós irá depender do conjunto de opções disponíveis nesse momento (tudo graças ao nosso contexto atual), o conjunto dessas opções que são visíveis para nós como viáveis, e nossas disposições ou tendências em escolher algumas opções e não outras, ou seja, o habitus.

Consequentemente, nossas escolhas moldarão nossas futuras possibilidades, pois qualquer escolha que fazemos nos coloca em uma situação de descartes de certas alternativas o que acaba nos colocando em um caminho particular e que moldará ainda mais a nossa compreensão de nós mesmo e do mundo. Portanto, as estruturas do habitus, não são nem fixas e nem estão em um fluxo constante. Ao contrário disso, nossas disposições estão sempre em constante evolução, elas são duráveis e podem ser transpostas, mas não são imutáveis. Simultaneamente, as próprias paisagens sociais por onde passamos, nossos campos contextuais, estão em evolução de acordo com a sua própria lógica para as quais nós memos contribuímos. E assim, para compreendemos as práticas, precisamos compreender tanto os campos em evolução dentro dos quais os indivíduos estão situados quanto o habitus em evolução que eles trazem para seus campos sociais de prática (BOURDIEU, 1980, p.87-109)

Como sugere Bourdieu, o habitus não é apenas o elo entre o presente, passado e futuro, mas também entre o social e o individual, o objetivo e o subjetivo, a estrutura e a ação. É exatamente por isso que o autor estabelece o conceito de habitus como enigmático, pois não abrange apenas uma única definição. Bourdieu acredita que a ligação que habitus faz do social com o individual advém das experiências do curso de vida de uma pessoa e que podem ser únicas em termos de suas particularidades, mas são compartilhadas em termo de sua estrutura com outras da mesma classe social, gênero, etnia, sexualidade, ocupação, nacionalidade, região, e assim sucessivamente. Um exemplo disso, os membros da mesma classe social

compartilham, por definição, posições que são semelhantes estruturalmente dentro da sociedade que elaboram experiências semelhantes estruturalmente de relações, processos e estruturas sociais. Ou seja, cada um de nós é uma configuração única de forças sociais, mas essas forças são designadas sociais, do mesmo modo que somos individuais e “diferente”, somos também de modos socialmente regulares; ou, como discorre Bourdieu, “o estilo ‘pessoal’ [...] não é senão um desvio, ele próprio tão bem regulado e às vezes mesmo codificado, em relação ao estilo próprio a uma época ou a uma classe, que remete ao estilo comum não somente pela conformidade [...] mas também pela diferença” (BOURDIEU, 1983, p. 81)

O habitus também conceitua a relação entre o objetivo e o subjetivo, ou, em outras palavras, o “externo” e o “interno”, ao fazer uma descrição de como esses fatos sociais se tornam internalizados. O autor afirma que o habitus é uma “subjetividade socializada” e o “social incorporado” (BOURDIEU & WACQUANT, 1992, p. 101-103), isto é, ele é uma estrutura internalizada, o objetivo tornado subjetivo. É a partir dele também que o individual passa a ter um papel social, pois as disposições do habitus são subjacentes a nossas ações, que, por sua vez, acabam contribuindo para as estruturas sociais. Deste modo, o habitus faz a junção tanto da estrutura social objetiva quanto as experiências pessoais subjetivas, exprime-se, como retrata Bourdieu, a “dialética [...] da interiorização da exterioridade e da exteriorização da interioridade” (BOURDIEU, 1983, p.60)

Conceituar o habitus não se torna uma tarefa simples sem o conhecimento adequado, embora seja difícil não deixa de ser uma pauta extremamente valiosa, digo que o habitus é para a abordagem sociologia de Bourdieu o que o poder é para Foucault. Quando se é internalizado a ideia a tal ponto dela se tornar parte do nosso modo de enxergar e pensar o mundo social, isso passa a ser algo naturalizado que ocorre com facilidade. Pois se o habitus é o social incorporado, ele pode passar a se tornar parte do nosso habitus. Quando o conceito é integrado dessa forma a nossa medula intelectual, ele atinge a “metanoica” que Bourdieu buscava oferecer. Essa é definitivamente a sua força e uma realização um tanto considerável, mas não é o fim da história. O habitus, como sua evolução demonstra nas obras de Bourdieu, assim como as próprias coisas que ele busca capturar, não deve ser considerado algo fixo e muito menos eterno, e sim uma ideia em constante evolução.

2.2 A ideia de “campo”

Segundo Pierre Bourdieu, para que fosse possível compreender as interações entre pessoas ou para que fosse possível explicar um evento ou fenômeno social, não era suficiente olhar o que era dito ou o que acontecia. Mas se fazia necessário examinar o espaço social onde as interações, transações e eventos ocorriam. De acordo com o autor, uma análise do espaço social significava não apenas localizar o objeto de investigação em seu contexto específico e histórico, seja local, nacional, internacional e relacional, mas também interrogar os modos que geraram o conhecimento anterior ao objeto sob investigação.

Para compreendermos o que Bourdieu queria dizer com “espaço social” ou “campo”, é necessário usar uma analogia com o campo de futebol. Pois segundo ele, o campo de futebol é um lugar delimitado onde se joga um jogo, e para que os jogadores consigam jogar esse jogo, cada um deve possuir uma posição definida. Em uma representação de forma visual, o campo de futebol é representado como um retângulo com divisões internas, e com um limite externo com posições estabelecidas marcadas em lugares predeterminados. Esse jogo possui regras específicas na qual jogadores novatos precisam aprender, além de habilidades básicas, quando começam a jogar. O que esses jogadores poderão fazer e aonde poderão ir durante o jogo só depende de suas posições no campo. A própria condição física do campo (se ele está seco, molhado, se o gramado é bom ou cheio de buracos) isso também terá efeito nas ações de cada jogador e, portanto, em como o jogo pode ser jogado.

Essa ideia de associação do campo social ser um campo de futebol não é um completo disparate, já que Bourdieu realmente discutiu a vida social como um jogo. O autor frequentemente se referia a vida social como um jogo de futebol, ele sugeriu que, assim como no futebol, o campo social também era integrado por agentes (processos ou instituições) que ocupavam posições, e o que acontecia no campo, a vista disso, era totalmente limitado. Portanto, há limites ao que pode ser feito e o que pode ser feito também é moldado pelas condições do campo. Assim como o campo de futebol, o campo social não está sozinho. Bourdieu desenvolveu justamente a noção de campo social com o intuito de investigar as atividades humanas. Isso quer dizer que, sozinha, apenas a ideia de campo social não tem poder de explicação o suficiente. E ao invés de se sobrecarregar em debates a respeito da primazia ou das estruturas sociais, e, ou da ação humana, Bourdieu optou por uma metodologia que fizesse a junção de um trio interdependente e construído conjunto, sendo eles o campo, habitus e capital, sem nenhum deles não haveria ser primário, dominante e nem casual. Pois cada um deles, se faz necessário para a compressão do mundo social e os três estavam amarrados em um só nó górdio, que poderia ser compreendido apenas após uma desconstrução de caso a caso.

De acordo com Pierre Bourdieu, o jogo que ocorre em espaços sociais é altamente competitivo, onde vários agentes utilizam estratégias diversificadas para manter ou melhorar suas posições. O que está em jogo no campo é a acumulação de capitais: eles são caracterizados tanto como o processo no campo quanto o produto dele. Assim, Bourdieu nomeou quatro formas de capitais, sendo eles o econômico (dinheiro bens), cultural (formas de conhecimento, preferência de gostos musicais, estéticas e culturais, linguagem e a arte) social (afiliações e redes, herança familiar, religiosa e cultural) e por último e não menos importante, o simbólico que seria (coisas que representam todas as formas de capital e que podem ser “tocadas” em outros campos, um exemplo: credenciais). Todavia, diferentemente de um campo de futebol em bom estado, em um campo social não existe um terreno nivelado, pois os jogadores que já começam possuindo formas particulares de capital apresentam uma grande vantagem desde o começo porque o campo depende desse capital e conseqüentemente produz mais dele. E em decorrência disso, esses jogadores são capazes de utilizar sua vantagem de capital para acumular e avançar mais, ter mais sucesso no mundo social, do que outros. Os campos são moldados de formas diferentes de acordo com o jogo que é jogado neles. Eles possuem suas próprias regras, histórias, lendas e erudição.

Assim como denomina Bourdieu na teoria do campo teremos várias versões diferentes dele, e para uma melhor compreensão sobre a teoria de campo, podemos fazer uma associação com outra metáfora. O campo de força na física por exemplo, ele geralmente é representado como um conjunto de vetores que ilustram as forças exercidas de um objeto sobre o outro. O autor também parte da mesma linha de raciocínio quando pensou os campos sociais de forma parecida. Pois segundo ele se é possível pensar um campo como constituído por forças opostas, ou seja, *quiasmáticas*. Ele pontuou que o capital cultural e econômico opera como dois polos hierarquizados num campo social, já que o campo funciona um pouco como campo magnético, com posições que são determinadas através das suas relações com os quatro polos. Um campo pode ser representado figurativamente como um determinado quadrado, que possui dois eixos que se interligam, em um eixo o capital econômico (de mais a menos) e, o outro, o capital cultural (de mais a menos). Pensando nisso Bourdieu racionalizou que os campos podem ser representados em um quadrado: “em um polo, as posições dominantes econômica ou temporalmente e dominadas culturalmente, e no outro, as posições dominantes culturalmente e as dominantes economicamente” (BOURDIEU, 1989, p. 383).

E nessa forma figurativa de representação de um quadrado o capital econômico ficaria em horizontal, pois este traz mais status e poder do que o capital cultural, apesar de que os dois

em conjuntos são altamente vantajosos no campo do poder. Mas em um campo de força física não há necessariamente uma fronteira delimitada e sim um dissipar das forças nas extremidades. Quer dizer que, o campo de força existe apenas enquanto seus feitos forem detectáveis. Embora, diferente dos campos de força físico, um dos locais de luta dentro do campo social pode ser na sua fronteira e pode ser sobre ela e seus valores de capitais. (BOURDIEU & WACQUANT, 1992, p. 80). Pensando dessa forma, as posições podem ser impressas em um campo através da coleta de conjuntos de dados sobre os tipos e volumes dos capitais possuídos pelos agentes (instituições e indivíduos), o nível educacional e as instituições na qual ele estudou, suas redes, associações e afiliações, seu cargo profissional, seu local de residência e assim por diante. Portanto, como fora relatado anteriormente, os campos que possuem o campo do poder não estão nivelados de forma igualitária, visto que alguns são dominantes, e o jogo em campo subordinados muitas vezes depende de atividades em outros campos, um exemplo disso: o que ocorre no campo de moradia depende muito do que acontece nos campos financeiros e do Estado. Pensando nessa forma de espaço socialmente estruturado dentro do campo de forças com a relação de dominações e de dominados, onde exprime uma visível desigualdade por falta de um nivelamento, Bourdieu afirma que:

[...] um espaço social estruturado, um campo de forças - há dominantes e dominados, há relações constantes, permanentes, de desigualdades, que se exercem no interior desse espaço - que é também um campo de lutas para transformar ou conservar esse campo de força. Cada um no interior desse universo, empenha sua concorrência com os outros a força (relativa) que detém e define sua posição no campo e, em consequência, suas estratégias (BOURDIEU, 1996, p. 46).

Por sua vez, Bourdieu afirma que sua abordagem produzia resultados diferentes, com formas diversificadas e alternativas para ver e ter uma compreensão do mundo, em relação as que são oferecidas por uma ciência social mais tradicional. O campo é uma parte importante no friso de ferramentas teóricas fundamentais. Junto com as demais teorias, o habitus e o capital, ele oferece uma abordagem epistemológica e metodológica para uma compreensão sensível a história e particularidades da vida social.

3 BUSCA TEÓRICA: UM OLHAR SOBRE A CULTURA LEGITIMA

A nossa sociedade é composta por grupos que são divididos entre (dominantes, dominados, opressor e oprimido). Esses grupos são nomeados de classes sociais (alta, média e baixa) e cada uma dessas classes tem uma cultura de representação (erudita, popular e de massa). Isso nos remete as divisões de classes defendidas e apresentadas pelo filósofo Karl Marx (1818 – 1883) a classificação de dois grupos entre burguesia e proletariado. A classe burguesa é destacada como dominante pois além de deter o capital econômico consequentemente também detinha uma certa forma de poder, sendo proprietária dos meios de produção, em outras palavras, da matéria-prima e das máquinas. E a classe proletária são os trabalhadores, operários e pequenos comerciantes que vendem a sua mão de obra em troca do mínimo, ou seja, são explorados de maneira desacerbada. E por muito tempo “funcionou” exatamente dessa forma, mas no decorrer do tempo foram se formando oposições entre a classe trabalhadora, cansados de ter a sua mão de obra explorada, com isso se formou a luta de classes.

Então, para se chegar ao conceito de cultura em especial a cultura erudita (legitimada), precisaríamos entender um pouco sobre as divisões existentes dentro da sociedade. Assim como esses grupos são divididos em classes com a cultura também não é diferente, pois cada grupo integrado em sociedade tem a sua cultura, cada um desses grupos tem as suas complexidades culturais, exposta em traços, crenças, costumes, são essas características gerais que possibilitam a sua identificação. Embora a cultura seja bem diversificada, apenas uma é considerada como legítima, “única”, visto que essa cultura é advinda de uma estrutura social dominante dentro da sociedade.

A cultura erudita está vinculada a uma era tradicionalista dos valores empregados pela elite, os grupos pertencentes a ela possuem um padrão social elevado, são indivíduos que possuem uma determinada acumulação de capital cultural devido a sua localidade de convívio e aos ambientes frequentados e isso possibilita que essas pessoas detenham um conjunto de produtos simbólicos, conhecimentos que são extremamente valorizados pela sociedade. Já a cultura popular é a cultura de representação pelo próprio povo, está ligada as raízes desses indivíduos, as tradições. E por conseguinte temos a cultura de massas que está diretamente ligada a indústria do capitalismo, em um processo contínuo de produção para a comercialização. Portanto, no que se refere ao capital cultural, Bourdieu (1998) faz a utilização dos termos “cultura popular” e cultura erudita” para explicar como ocorre e quais as formas de acumulação e transmissão desse capital. E com isso, a cultura, o lugar no qual o indivíduo mora e os lugares que frequentam é que irão determinar a aquisição desse capital cultural.

Mas, vale ressaltar que a cultura considerada como legítima não é legitimada apenas por ser um reflexo da classe dominante, mas sim pela força que a classe social que o ampara dispõe fazendo com que ocorra a legitimação de um arbitrário cultural. Os produtos simbólicos valorizados por essa estrutura de dominação implicam nesse arbitrário cultural legítimo. Bourdieu acreditava que a legitimação dessa cultura pela sociedade e outras instituições contribuía para as desigualdades sociais, visto que, apenas uma parcela dos indivíduos possuía uma acumulação de capital cultural.

Transferindo essa discussão teórica para o campo educacional, Bourdieu e Passeron esclarecem em sua obra essa hegemonia de uma cultura se sobressair em relação a outra. Os indivíduos que vivem em cidades grandes que apresentam uma variedade de instituições escolares (entre as melhores), que têm acesso a diversos ambientes culturais que englobam produtos simbólicos derivados de um arbitrário cultural, têm uma grande vantagem para construir uma bagagem cultural em relação a pessoas que não possuem a mesma realidade que a sua. E essa acumulação de capital cultural pode vir a implicar diretamente no desenvolvimento e no aprendizado escolar, sendo de uma forma positiva para os indivíduos pertencentes a uma estrutura social elevada e de maneira negativa para os indivíduos de uma estrutura social desfavorecida.

De certa forma o conhecimento e a comunicação desses produtos simbólicos advindos de uma cultura dominante são fatores que apoiariam para o desenvolvimento dessas pessoas, visto que, os conteúdos valorizados pela escola são provenientes da elite. Bourdieu percebeu que a instituição escolar faz uma divisão entre as disciplinas, destacando e selecionando as que são consideradas mais importantes, as mais teóricas e abstratas, com isso apenas uma pequena parcela de alunos consegue acompanhar a exposição dos conteúdos, pois eles possuem uma bagagem cultural herdada pela família ou o meio social na qual está inserido. Já a grande parcela de alunos que não fazem parte dessa estrutura social apresentara maiores dificuldades em acompanhar o raciocínio dos demais.

Segundo Bourdieu, o capital cultural pode existir em três formas variadas: no estado incorporado, no estado objetivado e no estado institucionalizado. O capital cultural em seu estado incorporado significa dizer que é algo duradouro caracterizado como uma parte integrada do indivíduo, não podendo ser repassado para outra pessoa e para que seja possível sua aquisição é necessária investir tempo. Além disso, ele é adquirido inconscientemente, não podendo ser trocado ou muito menos comprado, ou transferível para outra pessoa. Na sua forma objetivada, a apropriação se dá através de bens materiais que, conseqüentemente, exige a necessidade de capital econômico para serem adquiridos, levando em consideração também a sua articulação com o capital simbólico que envolve o seu contato direto com obras de arte como, escultura, pintura, livros etc. Mas para que este seja adquirido o indivíduo deverá possuir o capital cultural incorporado diretamente ao capital econômico, pois para que ele possa conseguir comprar uma bela obra de arte será necessário ter dinheiro, e para que ele possa compreender precisa do capital cultural incorporado. Já em sua forma institucionalizada, o capital cultural se materializa através dos títulos escolares das redes de ensinos e instituições acadêmicas (CANTANI; NOGUEIRA, 1998).

A bagagem cultural citada por Pierre Bourdieu é constituída pelo capital econômico, pelo capital simbólico e especialmente pela instituição familiar. Pois em conjunto se relacionado uns com os outros, o poder econômico contribui para acumular esse capital cultural tão valorizado, visto que, lhe possibilita a frequentar espaços que dispõe de produtos simbólicos. Vale frisar que segundo Bourdieu, a cumulação desse capital possibilita o desenvolvimento de aprendizado, além de contribuir para a construção da sua identidade dentro da sociedade. Embora, este fator seja usado pela escola como meio de promover as desigualdades sociais.

a desigual distribuição deste recurso raro (capital cultural) estimula ainda mais o conflito pela posse desse bem, o que denuncia o contante jogo de dominação de um grupo sobre o outro para manter estrategicamente a estrutura simbólica reconhecida e legitimamente aceita por todos (CUNHA, 2007, p. 505-506).

Portanto, a cultura considerada legítima só se mantém em uma estrutura de dominação sobre as demais culturas porque pertence a classe dominante, pois segundo Bourdieu essa cultura carrega em si elementos que a tornam superior, ou seja, a configuração social na qual está inserida na sociedade e os produtos simbólicos que essa cultura dispõe irá determinar se ela é dominante e legítima.

3.1 A noção de capital é útil para se pensar a educação?

Pierre Bourdieu sempre demonstrou em suas pesquisas o interesse pela discussão acerca do capital (cultural, económico, social e o simbólico) visto que grande parte das suas contribuições para a sociologia envolvem a recorrente temática, que juntamente com seu colega e sociólogo Jean-Claude Passeron fizeram uma verdadeira revolução científica para os estudos da sua época. A parceria entre os dois resultou em duas grandes obras, “Os herdeiros: o estudante e a cultura” de 1964, e “A reprodução: Elementos para uma teoria de ensino” de 1970. Em sua obra destacada por último, a noção de capital cultural diz respeito a capacidade de aprendizagem e a apreciação de obras da cultura designada erudita, que é a cultura vigente da classe dominante. Embora, para o autor este conceito não esteja restrito apenas a esse fator, significa mais do que apenas apreciar obras de artes e ir a concertos, inclui também “disposições corporais e estéticas, modos de se portar e de falar, os gostos refinados que se expressam em todas as atividades da vida social, os modos de comer e sentar à mesa, de vestir e de decorar o interior de sua moradia” (PIOTTO; NOGUEIRA, 2021, p. 9).

No livro “A reprodução” é destacada que a construção da acumulação de capital se dá por meio do convívio direto com obras de artes, idas ao museu, operas, orquestras e a concertos de músicas clássicas, ou seja, por meio do consumo diário da cultura erudita. As visitas frequentes a esses espaços apresentam grandes contribuições para o acúmulo desse capital cultural que é tão bem valorizado pela instituição escolar, já que os conteúdos escolares fazem parte de uma cultura legitimada e aqueles que detém essa bagagem teórica tem a facilidade de compreensão que auxilia no aprendizado.

Por muito tempo a escola foi vista como um espaço democrático com oportunidades igualitárias para todos, embora saibamos que não é exatamente assim, visto que a escola reflete os padrões da sociedade o que ela considera ser o ideal. Portanto, a cultura que é legitimada pela sociedade é a cultura da classe dominante e com base nisso os conteúdos escolares irão se espelhar nessa cultura. Seria como uma seleção de conteúdos, selecionados apenas o que fossem considerados mais importantes, mas com tanto que coincidisse com o saber considerado legítimo. Nesse ponto a escola apenas segue um padrão de “regras”, pois nesse jogo quem dita as regras é a classe dominante.

A cultura erudita é imposta pela sociedade como “única” e “melhor”, percebendo isso Bourdieu desenvolveu um conceito para explicar o fato de uma cultura se impor sobre a outra como superior, que seria o “arbitrário cultural dominante”. Nesse caso a escolarização atua como um dispositivo que reproduz efeitos cognitivos e comunicacionais que acaba favorecendo o êxito acadêmico de certos grupos sociais, se apoiando em produtos simbólicos socialmente valorizados como (arte, letras e ciência) provenientes da classe social dominante. Isso ocorre porque os conteúdos e as avaliações impostas aos alunos fazem parte desses produtos pertencentes a cultura erudita. Em a reprodução Bourdieu explica um pouco mais sobre esse arbitrário cultural, segundo o autor toda ação pedagógica é de maneira objetiva uma violência simbólica ao mesmo tempo que imposições, por um poder arbitrário de um arbitrário cultural, ou seja

a ação pedagógica (AP) escolar que reproduz a cultura dominante, contribuindo desse modo para reproduzir a estrutura das relações de força, numa formação social onde o sistema de ensino dominante tende a assegurar-se do monopólio da violência simbólica legítima (BOURDIEU; PASSERON, 1970, p. 21).

Portanto, de acordo com os sociólogos Bourdieu e Passeron a ação pedagógica é objetivamente uma violência simbólica, pois enquanto as relações de força e o poder estiverem entre os grupos ou as classes que são a estrutura de uma formação social, estarão na base de um poder arbitrário com a condição da instauração de uma relação de comunicação pedagógica, ou seja, a imposição de uma ideologia de um arbitrário cultural segundo um modo arbitrário e ideologia escolar.

Ficou bastante claro que o sistema de ensino age como uma ferramenta de manutenção dos paradigmas sociais e a escola visa a reprodução social vigente da classe dominante. Embora, segundo Bourdieu para que a escola adotasse uma cultura, ela não deveria estar vinculada diretamente a nenhuma classe específica. A escola deveria ser um espaço neutro responsável por guiar todos os indivíduos de forma igualitária durante o seu percurso acadêmico, pois só assim a instituição escolar não estaria contribuindo para as desigualdades sociais entre os alunos. E é por isso que o francês Bourdieu defendia a pedagogia racional, pois ao invés de considerar o capital cultural herdado pela família de classe social elevada como um pré-requisito, seria interessante transmiti-los aos alunos que possuíssem pouca bagagem. Com isso haveria de fato uma democratização do ensino, com oportunidades iguais ao acesso à cultura, ou seja, um acesso a leituras literais, a exposições de artes, passeios ao museu e entre outros. Vale ressaltar que é importante levar em consideração todas as experiências e os aspectos abordados pelos estudantes, e não somente os resultados das avaliações.

Essa concepção abordada pelo autor teria rompido com o ideário ideológico de um ensino tradicionalista e assim seria apresentado como solução para acabar com as desigualdades criadas pelo sistema de ensino e conseqüentemente não haveria mais uma distinção social entre os alunos, portanto, eles passariam a ser integrados em um verdadeiro ambiente escolar. Embora a ideia abordada fosse um ponto positivo, não ocorreu a integração da pedagogia racional, pois as práticas educacionais se encontram enraizadas no tradicionalismo, logo essa percepção não se desenvolveu, visto que, a unificação de produtos simbólicos traz uma maior representação fazendo assim com que ocorra a legitimação de uma determinada cultura ou de uma determinada classe, para que haja sempre a dominação de uma sobre a outra.

Segundo Dubet, não existe a solução perfeita para tornar uma escola justa, mas sim uma combinação de escolhas e resposta que são necessariamente limitadas. De acordo com o autor nas sociedades democráticas o mérito é escolhido de forma convicta como um princípio essencial de justiça, pois assim a escola se tornaria justa porque cada um pode ter sucesso dentro do ambiente escolar em função do seu trabalho e de suas qualidades. O que vai contra o que Bourdieu vem discutindo, visto que a escola não leva em consideração a bagagem cultural de todos os alunos, mas apenas da cultura considerada como legítima pertencente a classe dominante. Portanto, os alunos que não possuem esse capital cultural acumulado estarão em grande desvantagem, visto que o sistema de ensino é uma constante disputa por uma ascensão social.

Embora a bagagem cultural seja de fato um elemento importante para o desenvolvimento cognitivo do indivíduo, também pode ser o principal agente causador de distinção social. Já que os produtos simbólicos advindo desse arbitrário cultural são colocados como superiores e necessários pela estrutura de dominação, deste modo a classe popular irá continuar sendo vítima de violência simbólica e tendo os seus direitos negligenciados, pois o Estado alega garantir uma “educação igualitária para todos”

Portanto, se acumulação de capital pode ser o principal agente causador de desigualdades sociais. Mas se ele é o principal agente de desigualdades, como essa noção pode ser útil para se pensar a educação? O que Bourdieu fez foi nos oferecer um novo modo de interpretação do ambiente escolar e do sistema educacional, nos mostrar a forte relação existente entre a origem social e o desempenho escolar o que só corrobora ainda mais a tese do autor e serve para explicar as frustrações dos jovens das camadas médias e populares diante das falsas promessas do sistema de ensino. Bourdieu passa ver a legitimação e reprodução de desigualdades onde se via igualdade de oportunidades, meritocracia, justiça social, a educação perde totalmente o papel na qual fora lhe atribuído, pois a instituição escolar ao privilegiar a estrutura de dominação em favorecimento de um arbitrário cultural está negligenciando de maneira exacerbada os demais alunos que não pertencem essa camada social, ou seja, não é o capital cultural que causa as desigualdades dentro do ambiente escolar, mas sim a instituição quando adota uma cultura de determinada classe social.

3.2 A importância do simbólico

O espaço social pensado pelo francês Pierre Bourdieu é inicialmente colocado como um espaço de lutas. Essa teoria reserva uma importância fundamental às estruturas simbólicas, onde o autor destaca que a posição que foi dada aos indivíduos nesses espaços não está restrita apenas ao bem material, visto que existem outros produtos simbólicos capazes de mexer com a hierarquização gerada pela sociedade, onde ele tem forças o suficiente para balançar com a ordenação social. O poder simbólico não é algo material que pode ser identificado aos olhos, visto que ele é proeminente de produtos simbólicos vigentes de uma cultura legitimada da classe social dominante. Este raciocínio pode ser exposto em poucas linhas onde Bourdieu apoia-se na ideologia neokantiana e durkheimiana para conceituar a cultura ou os “sistemas simbólicos” como mito, arte, língua e ciência - como instrumentos de conhecimentos e de construção do mundo, destacando-os como formas de classificações sociais, definido aquilo que é consideravelmente bom, ruim, aceitável ou pensável. (BOURDIEU, 1989).

Os sistemas simbólicos são colocados como instrumentos de conhecimento e comunicação, pois segundo Bourdieu só podem exercer um poder estruturante porque são estruturados. Portanto, o poder simbólico é nada menos do que um poder que busca estabelecer uma ordem epistemológica para explicar o sentido imediato do mundo social. Os símbolos enquanto instrumentos de conhecimento e comunicação encarregado pela integração social, são o que tornam possível o consenso acerca do sentido do mundo social que contribui principalmente para uma reprodução da ordem social.

A hegemonia que um sistema simbólico apresenta sobre o outro é totalmente arbitrária, ou seja, trata-se de uma construção social originalmente do resultado de lutas entre grupos de classes a que estão vinculados. Logo, uma determinada língua, expressão artística, mito ou crença, a ordenação de conhecimentos, assim como outros, só se tornam legítimos e dominantes como resultado das lutas entre os grupos sociais como uma disputa pela seus princípios e organização do mundo social. Isso quer dizer que toda essa luta social se trata apenas da forma como cada grupo deseja organizar o mundo social de acordo com seus próprios princípios, favorecendo a sua dominação para a imposição de sua vontade, uma luta extremamente simbólica.

Um sistema simbólico (cultural) ou legítimo em uma configuração social segundo Bourdieu só é dominante pois, um determinado grupo conseguiu se colocar em uma posição de dominação. Ou seja, tornam-se dominantes a medida em que um determinado grupo social assume a posição de dominação, impondo os seus princípios como verdadeiros e legítimos ao conjunto da sociedade como um reajuste para uma percepção do mundo social a sua maneira, “servem a interesses particulares que tendem a apresentar como interesses universais, comuns ao conjunto do grupo” (BOURDIEU, 1989, p.10). Logo, servem a sua própria dominação.

Um fato interessante a se destacar é que na obra de Pierre Bourdieu “O poder simbólico” de 1989, o autor traz uma visão política apoiada em Marx para elucidar ainda mais o seu raciocínio a respeito dos sistemas simbólicos, pois segundo ele na estratificação social de diferentes grupos sociais apresentam e produzem sistemas simbólicos distintos, e com isso criam produtos com base em suas condições de existência. Portanto, é cognoscível uma outra forma conflitante de ver o mundo, visto que a forma de ordenação do mundo também está em uma forma geradora de conflitos. Isso só é possível porque cada grupo social pertence a uma esfera social diferente, consequentemente produzem sistemas simbólicos diversos o que acaba gerando um embate, visto que, as unificações dos bens simbólicos pertencentes a determinados grupos favorecem a sua dominação sobre os outros, já que esse determinado grupo proveniente de uma esfera social elevada possui em massa o que autor denomina de poder simbólico. Em outras palavras, as produções simbólicas irão agir como instrumentos de dominação, visto que a cultura dominante atua como um meio de integração da classe dominante dentro da sociedade o que assegura uma comunicação entre todos os seus membros, e assim acaba se criando uma distinção entre as classes minoritárias e construindo uma falsa consciência, na qual o indivíduo assume um papel que não o beneficia. É exatamente dessa forma que o poder simbólico e outros tipos de poder permanecem entre a estrutura de dominação, contribuindo para a legitimação dessa hierarquia e a legitimação de favorecimento de uma classe sobre a outra, então o autor destaca que:

A cultura que une (intermediário de comunicação) é também a cultura que separa (instrumento de distanciamento) e que legitima as distinções compelindo todas as culturas (designadas como subculturas) a definirem-se pela sua distância em relação a cultura dominante (BOURDIEU, 1989, p. 11)

Em virtude disso ocorre a violência simbólica que segundo o autor, esse tipo de violência costuma ser considerado como uma força invisível que não é possível ver apenas com os olhos e é difícil para se perceber que está sofrendo ou exercendo, mas está presente em toda sociedade desde a escola até mesmo o ambiente de trabalho. Considerando a hierarquização e a estrutura de dominação vigente, isso ocorre quando acontece a legitimação de uma cultura distinguindo-a das demais, fazendo com que as classes dominantes mantenham o poder sobre as classes dominadas, e assim contribui para o que Weber conceitua como “domesticação dos dominados”. Embora não seja verbalizado, essas classes que são socialmente excluídas, também desejam pertencer a estrutura de dominação, visto que a sociedade já está enraizada no sistema capitalista e com isso esse ideário está internalizado entre os indivíduos. Logo, isso tudo não passa de uma disputa propriamente simbólica para impor a definição do mundo social de acordo com seus interesses e ideologias, quer dizer “do poder de impor – e mesmo de inculcar – instrumentos de conhecimento e de expressão (taxonomias) arbitrários” (BOURDIEU, 1989).

No campo de produção simbólica irão existir dois tipos de classificação de classes, o dominante e o dominado. A classe dominante luta por seus princípios de hierarquização que beneficia somente a sua estrutura cujo seu poder está vinculado ao capital econômico, que tem como objetivo impor a legitimidade da sua dominação por meio da sua própria produção simbólica ou por meio da sua ideologia conservadora que visa somente os interesses da classe dominante. E no outro lado da moeda temos a classe dominada, que está na parte rasa da pirâmide sem dispor de nenhum poder simbólico servindo assim ao meio de produção da classe “superior”, vendendo a sua mão de obra em troca de migalhas, e ainda assim, muitos tem uma falsa consciência da sua situação, tendo uma visão distorcida da sua própria realidade.

Um fato interessante a se destacar é que a classe dita como dominante é a minoria dentro da nossa sociedade, já a classe dominada é a grande maioria existente no meio social. Embora a classe dominada seja a maioria, eles estão acomodados com o sistema capitalista imposto pelos dominantes e com isso não fazem nada para mudar o ciclo de dominação, mas existe uma explicação para tudo isso que faz com que a grande maioria se remodela para caber dentro dos caixotes desenhados pela dominação. Weber racionaliza que o Estado é o único detentor legal do poder podendo fazer o uso legítimo da força. Embora isso seja um fato verídico existe um outro fator de grande influência.

Bourdieu destaca que grande parte da explicação pelo qual os dominados não conseguem se opor a estrutura de dominação, mesmo que eles estejam agrupados em maior número, está ligado ao fato deles pensarem o mundo a partir das categorias que foram criados pela estrutura de dominação. Ou seja, o poder desempenhado por essa estrutura de dominação faz com que todos os outros que não são pertencentes a sua classe a pensarem de acordo com as suas categorias, regras e visões de mundo. Assim, a grande maioria se acomoda com a má distribuição de poder, aceitando o sistema capitalista como único e trabalhando para sobreviver e com isso enriquecendo mais ainda o bolço daqueles que lhes oferecem migalhas.

3.3 Família, escola e a transmissão do patrimônio

Pierre Bourdieu conseguiu perceber coisas inigualáveis na estrutura da sociedade francesa que nenhum outro pensador conseguiu. Pois através da sua concepção acerca do capital cultural e as desigualdades recorrentes dele, foi possível a resolução de vários questionamentos em aberto. O que ele propõe a respeito desse acúmulo de “anomalias” do paradigma funcionalista é uma verdadeira revolução científica, visto que, o autor nos oferece um novo modo de enxergar o mundo social, e dentro desse mundo os seus espaços de lutas. Partindo disso iremos abordar a relação familiar do indivíduo com o campo escolar e como essa interfere de forma desigual, de acordo com a transmissão do seu patrimônio.

Em modo geral, a sociologia de Bourdieu está marcada pela busca incessante da superação de um dilema clássico pertencente ao pensamento sociológico, aquele na qual é definido pela oposição entre subjetivismo e objetivismo. De um lado, Bourdieu aponta as insuficiências e os riscos presente que se limitam à experiência instantânea do ator individual, ou seja, que se apoia de modo exclusivo ou predominante ao universo das representações, preferências, escolhas e ações individuais. Essas abordagens, são descritas por ele como subjetivistas, são criticadas não apenas por seu espaço limitado, isto é, pelo fato de não considerarem as condições objetivas que explicariam o curso da experiência prática subjetiva, mas, principalmente, por contribuírem para uma concepção fictícia do mundo social que atribuiria aos indivíduos uma excessiva autonomia e consciência na condução de suas ações e interações.

Em oposição ao subjetivismo, Bourdieu faz uma afirmação um tanto radical, o caráter socialmente dependente das atitudes e comportamentos individuais. O sujeito, em Bourdieu, é um atuante social configurado em seus mínimos detalhes. Desde os gostos mais íntimos, até a sua primazia, as disposições, a estatura corporal, a expressão vocal, as aspirações relativas ao futuro profissional, tudo seria socialmente constituído. De certa forma, por um determinado lado, Bourdieu se afasta dessa ideia de subjetivismo, embora em um outro ponto de vista ele critique igualmente essas abordagens estruturalistas, que são definidas por ele objetivistas, que descreveriam a experiência subjetiva como diretamente servente às relações objetivas (comumente, de natureza linguística ou socioeconômica). Segundo ele, faltaria a essas abordagens uma teoria da ação capaz de explicar todos os mecanismos ou processos de intermediação que estão envolvidos na passagem da estrutura social para uma ação individual. Identificar-se as propriedades estruturantes da estrutura sem analisar os processos de estruturação, de operação da estrutura existente no interior das práticas sociais.

Como forma de se distanciar da concepção ideológica do objetivismo, Bourdieu afirma que, em primeiro lugar, a ação das estruturas sociais sobre o comportamento individual se dá de forma predominante de dentro para fora e não o contrário. Seria a partir de sua formulação inicial em um campo social e familiar que correspondesse a uma posição específica na estrutura social, os sujeitos integrariam um conjunto de disposições para a ação típica dessa posição (um *habitus* familiar ou de classe) e que passaria a guiá-los ao longo do tempo e nos mais diversificados campos de ação. Sendo assim, as normas e regras que caracterizam uma determinada posição dentro da estrutura social não agiriam, assim, como uma associação coisificada, que age diretamente, a cada momento, de fora para dentro, sobre o comportamento individual de cada sujeito. Em contraposição, a estrutura social se eternizaria, pois, próprios indivíduos propenderiam a atualizá-la a maneira que agissem de acordo com o conjunto de disposições típico da posição estrutural na qual eles foram integrados socialmente.

Partindo disso, a construção de disposições dos sujeitos estabelecidas pela relação familiar, pode gerar um conjunto de disposições que agregariam ou interfeririam em seu relacionamento educacional, visto que, já ficou mais que comprovado o que autor vem afirmando sobre as aquisições acumuladas de capital. A influência do capital cultural é a principal delas, pois se faz presente na forma de assimilação entre o nível cultural da família e o êxito escolar da criança. Não é à toa que os que são considerados parcialmente “bons alunos”, são rotulados em função da sua renda familiar, portanto, valete ressaltar que:

[...] com diploma igual, a renda não exerce nenhuma influência própria sobre o êxito escolar e que, ao contrário, com renda igual, a proporção de bons alunos varia de maneira significativa segundo o pai e a mãe não seja diplomado ou seja bachelier*, o que permite concluir que a ação do meio familiar sobre o êxito é quase exclusivamente cultural. (BOURDIEU, 1998, p. 42)

Em decorrência disso, mais do que a importância do diploma do pai ou mais que os tipos de escolaridade que ele seguiu, o que apresenta uma forte significação é o nível cultural global do grupo familiar, esses de fato matam uma relação mais estreita com uma influência direta no êxito escolar da criança. Entretanto, mesmo que o êxito escolar seja atrelado igualmente ao nível cultural do pai ou da mãe, podemos perceber variações significativas no êxito educacional da criança quando os pais são de níveis desiguais. Para um resultado mais preciso, não podemos esquecer que na análise na qual os pais apresentam níveis culturais desiguais se encontram frequentemente ligados em razão da homogamia de classes, e as vantagens culturais que são associadas ao nível cultural dos pais são cumulativas.

Para uma avaliação mais precisa das vantagens e desvantagens que são transmitidas pelo meio familiar, deveriam levar em conta não somente o nível cultural do pai ou da mãe, mas também aos antepassados de um outro ramo do meio familiar. Assim, o conhecimento que os estudantes de letras possuem sobre o teatro seria medido pelo número de peças que foram vistas, o que se hierarquizaria perfeitamente segundo a categoria socioprofissional pertencentes do pai e do avô, e se elevavam conjuntamente, embora que, por um outro ponto de vista, o valor fixo de cada uma dessas variáveis, tende por si só, hierarquizar os escores. Assim, levando em consideração a lentidão do processo de acumulação, as diferenças que estão ligadas aos acessos de antiguidade à cultura continuam por separar indivíduos que são aparentemente iguais em relação ao êxito social e até mesmo ao êxito escolar. Pois até a cultura possui seus graus de nobreza.

Além de descrever e medir diferenciais de poder simbólicos entre os indivíduos e seus grupos sociais, a noção de capital cultural também nos permite supor como ocorre a sua transmissão entre as gerações. Bourdieu entra em uma percepção sobre a socialização com uma argumentação um tanto direta. Pois de acordo com ele, a socialização é percebida como um processo de inculcação, pelas gerações que são mais velhas, da sua cultura de um determinado grupo ao qual o sujeito pertence. Em diferentes formas de sociedade, a socialização pressupõe uma ação pedagógica, ou seja, um trabalho que será desempenhado por aqueles que estão na posição de “educar” as gerações mais novas. Esse Trabalho, é descrito como inculcação de uma visão de mundo, portanto, uma forma determinada de perceber o mundo social, os outros e a si mesmo (eu), e que de certa forma orienta a conduta dos sujeitos, e que é percebido como uma violência simbólica, ou seja, uma “imposição”, por um poder totalmente arbitrário, de um arbitrário cultural (BOURDIEU, 1970, p. 19).

Nessa concepção, “a seleção de significações que definem objetivamente a cultura de um grupo ou de uma classe como sistema simbólico é arbitrária, já que a estrutura e as funções dessa cultura não podem ser deduzidas de nenhum princípio universal, físico, biológico ou espiritual, não estando ligado por nenhuma espécie de relação interna “à natureza das coisas” ou a uma “natureza humana” (BOURDIEU, 1970, p. 22). A mesma concepção pode ser atribuída para a definição de quem detém o poder arbitrário de uma imposição do arbitrário cultural: pois a definição da autoridade pedagógica legitimada não pode ser concluída a nenhum princípio universal, entretanto, está diretamente ligada a uma hierarquização mais geral da sociedade em questão. Tendo isso em vista, os processos de socialização, ou seja, processos de transmissão da cultura às gerações mais novas implicam diretamente, a transmissão de percepções sobre a forma de construção do mundo social que são, ao mesmo tempo, princípios de ordenamento e uma classificação desse mundo.

Nas sociedades industrializadas ocorre uma estratificação social, o que faz com que a invenção da escola como única e obrigatória, complicou tanto os processos de socialização quanto a própria luta simbólica. Por um lado, temos uma visão da escola como uma agência de socialização na qual a família é obrigada a compartilhar a educação de seus filhos, perdendo o poder de definir exclusivamente sozinho tanto a forma dessa transmissão e os produtos dela, quanto a forma como ela se transforma e os agentes sociais que são responsáveis por ela. Por um outro lado, a escola de todos é percebida como um agente transmissor do “patrimônio cultural” da conjuntura da sociedade., mas que de fato, transmite a cultura definida dominante (erudita), ou seja, a escola contribui de forma escancarada para a criação de lutas simbólicas, fazendo imposição, ao conjunto dos grupos sociais, uma determinada cultura de um grupo específico como legítima ou, mais propriamente, os princípios que são dignos de ser tratados como cultura, portanto, assim, transmitindo essa configuração sistemática para as gerações futuras.

Portanto, a diferença de desempenho entre os agentes sociais integrados na escola, tornou-se uma consequência lógica dessa forma de definição de uma cultura como legítima no âmbito educacional, visto que, a escola tem o papel inicial de se organizar para tratar todos de forma igualitária de condições. Pois a cultura tratada como legítima, para alguns pode ser interpretada como uma cultura quase ou altamente estrangeira, dessa forma, como pode ser cobrado que os dois grupos apresentem domínios iguais de determinados conteúdos e um período semelhante de resolução. Evidentemente, um deles é mais cobrado do que o outro, o que se torna injusto.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A construção desse trabalho partiu do questionamento sobre como a noção de capital cultural seria útil para pensar a educação e como é feita a transmissão desse patrimônio cultural, e qual a ligação que ocorre entre o meio familiar e o educacional nesse período de aprendizado. Por meio disso, se fez necessário pesquisas científicas e estudos sobre as obras do principal autor estudado nesse trabalho, Pierre Bourdieu.

É perceptível que esse produto cultural se faz necessário e pode acrescentar de forma grandiosa no conhecimento, e desenvolver o sentido cognitivo dos alunos. Contudo, a escola deveria fazer uma avaliação criteriosa para que por meio dele não ocorra favorecimento em decorrência de uma herança cultural de determinado grupo, e assim não provoque uma luta simbólica e desigualdades entre os demais. Seria interessante a busca para promover formas de equidade entre os estudantes, e com isso, todos teriam as mesmas oportunidades de aprendizado, podendo até mesmo apresentar resultados iguais ou semelhantes. Além disso, seria interessante que fosse levado em consideração a realidade de cada indivíduo para que assim não houvesse uma desigualdade social, e muito menos uma violência simbólica.

Com isso assumo que todas as minhas expectativas e objetivos foram alcançados, visto que, o autor trabalha com teorias complementares onde uma complementa a outra, e assim todas se fazem necessárias para compreender a abordagem do mundo social. Ressalto que, os resultados obtidos não fogem das teorias iniciais abordadas nesse trabalho. Pois ficou esclarecido que a família é o primeiro meio de transmissão da acumulação de cultura para as novas gerações, por meio do seu convívio e origem social, e que consequentemente irá influenciar no tipo de capital cultural. Portanto, o objetivo desta pesquisa foi atingido, pois o capital cultural é sim um grande aliado para educação, capaz de desenvolver mais os alunos no ambiente escolar os levando ao seu máximo, para que todos possam compreender os conteúdos propostos pela escola. Além disso a família desempenha um importante papel nesse cenário, pois é no meio familiar onde ocorre o primeiro contato com o mundo social.

Finalizo, reforçando a necessidade de compreensão acerca dessa temática e conhecimento sobre o autor para o âmbito educacional, visto que, toda a pesquisa realizada pelo sociólogo francês Pierre Bourdieu através de seus estudos de campo se faz essenciais para complementar e enriquecer o arcabouço teórico dos acadêmicos, o que seria um diferencial para que não ocorra entre os campos sociais uma violência simbólica ou desigualdade social.

5 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALMEIDA, Ana Maria F. **A noção de capital cultural é útil para se pensar o Brasil?** In: PAIXÃO, Lea Pinheiro; ZAGO, Nadir (Org.). *Sociologia da educação: pesquisa e realidade*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.
- BOURDIEU, Pierre. **Escritos da Educação**. Petrópolis: vozes, 1998.
- _____. **A Escola conservadora e as desigualdades frente à escola e a cultura**. In: BOUDIEU, Pierre. (Org.). *Escritos da Educação*. Petrópolis: Vozes, 1998. P. 39-64
- _____. **“Os três estados do capital cultural”**. In: BOURDIEU, Pierre (Org.). *Escritos de educação*. Petrópolis: Vozes, 1998
- _____. **A economia das trocas simbólicas**. 5 ed. São Paulo: perspectiva, 2004.
- _____, (1983). **Questões de sociologia**. Rio de Janeiro: Marco Zero.
- _____. **“Reprodução cultural e reprodução social”**. In: BOURDIEU, Pierre. *A economia das trocas simbólicas*. São Paulo: Perspectiva, 2011.
- _____, (1983b) *Sociologia* (organizado por Renato Ortiz). São Paulo: Ática.
- BOURDIEU, Pierre. DARBEL, A.; RIVET, J.-P. & SEIBEL, C. **O desencantamento do mundo: estruturas econômicas e estruturas temporais**. São Paulo: perspectiva, 1979.
- BOURDIEU, Pierre. **“O poder Simbólico”**. In: TOMAZ, Fernando. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil S.A. 1989.
- BOURDIEU, Pierre. **“Estrutura, habitus e prática”**. 1992. [Originalmente publicado como “Postface”. In: PANOSFKY, E. Paris: Les Éditions de Minuit, p.135-167]
- BOURDIEU, Pierre. PASSERON, Jan-Cloude. **A reprodução: elementos para a teoria de um sistema de ensino**. 4 red. Petrópolis, RJ: vozes, 2011.
- BODART, Cristiano das Neves. **A importância do capital cultural: contribuições de Pierre Bourdieu**. Blog Café com sociologia. 2010. Disponível em: <<https://cafecomsociologia.com/importancia-do-capital-cultural/>> acesso: 15 de janeiro de 2024.
- BOURDIEU, Pierre. **Pierre Bourdieu: conceitos fundamentais**. In: GRENFELL, Michael. Petrópolis, RJ: vozes, 2018.
- Bourdieu, Pierre. **A distinção: crítica social do julgamento**. São Paulo: Edusp; Porto Alegre: Zouk, 2008 [1982].
- BOURDIEU, Pierre. & WAQUANT, L. **“Towards a Reflrxive Sociology: A Workshop wiht Pierre Bourdieu”**. 1989.

BOURDIEU, Pierre. “The srntiment of hounour in Kabyle Society”, em **Honour and Shaame, J. Peristiany** (Org.), Chicago: The University of Chicago Press, Londres, Weidenfeld and Nicholson, 1966.

CHARLOT, Bernard. ***Da relação com o saber: Elementos para uma teoria***. Porto Alegre: Artmed, 2000.

CUNHA, Maria Amelia de Almeida. **O conceito “capital cultural” em Pierre Bourdieu e a herança etnográfica**. Florianopolis, v. 25, 2007

DUBET, François. **O que é uma escola justa?** – A escola das oportunidades. São Paulo: Cortez, 2008

ELIAS, Norbert, (1996). ***A sociedade dos indivíduos*** Rio de Janeiro: Zahar.

Nogueira, Cláudio; Nogueira, Maria Alice. “A sociologia da educação de Pierre Bourdieu: limites e contribuições”. **Educação & Sociedade**, n. 78, 2002.

Nogueira, Maria Alice. “A relação família-escola na contemporaneidade: fenômeno social/interrogações sociológicas”. **Análi'se Social**, n. 176, 2005.

Nogueira, Maria Alice; Romanelli, Geraldo; Zago, Nadir (Org.). **Família e escola: trajetórias de escolarização em camadas médias e populares**. Petrópolis; Vozes, 2011.

PINTO, Louis, (2000). ***Pierre Bourdieu e a teoria do mundo social*** Rio de Janeiro: Editora da FGV.

Zago, Nadir. “**Processos de escolarização nos meios populares: as contradições da obrigatoriedade escolar**”. In: Nogueira, Maria Alice; Romanelli, Geraldo; Zago, Nadir (Org.). **Família e escola: trajetórias de escolarização em camadas médias e populares**. Petrópolis: Vozes, 2011.